

PARA UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA DAS ATIVIDADES (META) LINGÜÍSTICAS NAS SALAS DE AULA DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA

Résumé

Il s'agit ici d'une réflexion sur le choix d'une approche pragmatique des activités (méta)lingagères dans les cours de langue maternelle (LM) et de langue étrangère (LE) dans la perspective d'un enseignement/apprentissage plus intégré de ces disciplines au sein du système scolaire. Cette réflexion repose sur les hypothèses suivantes: a) l'intégration LM/LE est susceptible de favoriser les pratiques didactico-pédagogiques dans la salle de classe; b) le rapprochement des présupposés théoriques de base de l'enseignement/apprentissage de la LM et de la LE est une condition nécessaire pour réaliser cette intégration; c) les activités métalangagères doivent être, au moins jusqu'au collège, un instrument parmi d'autres de l'enseignement/apprentissage et non pas son but.

Palavras-chave: Pragmática; metalingüística; lingüística aplicada; bivalência.

Este artigo se inscreve no âmbito de uma pesquisa-ação¹ mais ampla – Pragmática lingüística e ensino-aprendizagem de línguas (materna e estrangeira) – que dirigimos desde 1994 na UFPA. Um de seus objetivos mais importantes é o de aproximar o ensino-aprendizagem da LM e da LE no sistema escolar. A hipótese inicial é que as diferenças existentes entre essas duas disciplinas não bastam para justificar o distanciamento criado entre suas metodologias, objetivos, programas e conteúdos e que uma aproximação entre elas favorecerá um ensino/aprendizagem mais eficaz de ambas.

Nosso projeto está baseado: a) numa concepção pragmática do funcionamento lingüístico, isto é, uma concepção segundo a qual a linguagem é encarada «como atividade, como forma de ação, ação

interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes» (KOCH, 1992:9-10); b) numa concepção mais cognitiva da metalinguagem, termo que remete tanto à atividade reflexiva sobre a linguagem e sua utilização quanto à capacidade de controlar e de planificar seus próprios processos de tratamento lingüístico (cf. GOMBERT, 1990).

Em nosso sistema escolar ainda predomina uma gramática de tipo tradicional, sobretudo nas aulas de LM onde o aluno está engajado em atividades no mais das vezes mecânicas, de manipulação de objetos metalingüísticos, i.e. de metatermos gramaticais. Faz-se gramática pela gramática. Esta é constitutiva não apenas dos conteúdos de ensino/aprendizagem, mas também dos objetivos fixados pelos professores e autores de manuais². Ela é, na realidade, ao mesmo tempo *meio* e *fim* do ensino/aprendizagem.

Em função dessa realidade e, também, da concepção – pragmática – que temos do funcionamento da linguagem, pode parecer estranho que em nosso trabalho se conceda um espaço importante para a gramática ou, mais precisamente, para a reflexão metalingüística (cf. definição abaixo). A explicação é simples: para nós, contrariamente a algumas idéias pré-concebidas, uma abordagem pragmática do ensino/aprendizagem da LM e da LE não é de modo algum incompatível com uma reflexão *metalingüística* guiada. Temos a convicção, alicerçada em experiências realizadas em sala de aula, de que uma reflexão metalingüística verbalizada pode favorecer a aprendizagem: compreender ajuda a aprender.

¹ Por pesquisa-ação, GAGNE et alii (1989:177) designam um “tipo de pesquisa cujo objetivo central consiste em transformar a realidade utilizando diferentes formas de intervenção pedagógica como démarche de investigação [...] É uma pesquisa que busca a solução de problemas de aprendizagem ou de ensino proporcionando mudanças na realidade pedagógica a fim de aperfeiçoar seu funcionamento”.

² Quer se assista a aulas de PLM ou se analise os manuais que nelas são utilizados, quer se estude os programas, os objetivos e os conteúdos de ensino/aprendizagem ou se faça enquetes junto a alunos e professores, é impressionante a importância dada a esta gramática e à metalíngua que lhe está vinculada. Ela constitui manifestamente o eixo principal dos conteúdos, dos programas, dos manuais e das aulas de PLM. (Cf. CUNHA, 1997).

Estamos também convencidos de que as diferenças de terminologia e dos diferentes tipos de análise entre a LM e a LE só fazem perturbar os alunos e prejudicar sua aprendizagem. Como COSTE (1985:78), pensamos que «sem romper com a busca de uma aprendizagem com fins comunicativos, e sem que os alunos precisem se transformar em lingüístas, uma prática metalingüística preparada (e não improvisada, cega), construída (mas a partir freqüentemente de opiniões espontâneas dos alunos) podem não apenas ajudar a situar diferencialmente os funcionamentos da LM e da LE, mas também ampliar o domínio tanto de uma quanto de outra».

Trataremos portanto aqui de uma reflexão sobre a escolha de uma abordagem pragmática das atividades (metalingüísticas nas aulas de LM e de LE no âmbito de um ensino/aprendizagem mais integrado dessas disciplinas no sistema escolar. Para isso, parece necessário explicitar inicialmente o que entendemos por *abordagem pragmática*, por *atividades metalingüísticas* e por *formação integrada da LM e da LE*.

Uma abordagem pragmática³ é um procedimento metodológico de ensino/aprendizagem de línguas que privilegia o que os interlocutores fazem com a linguagem. Os conhecimentos declarativos, os conhecimentos teóricos sobre o objeto língua/linguagem, têm seu espaço nesse tipo de abordagem na medida em que são ensinados/aprendidos como *meio* para favorecer um comportamento adequado, por parte dos alunos, à situação de interação, isto é, conforme às regras de funcionamento lingüístico e social de um grupo.

Atividades metalingüísticas são aquelas controladas conscientemente pelo sujeito. GOMBERT (1990:22-23) as distingue das atividades epilíngüísticas que não o são mas que participam de um domínio funcional de regras de organização ou de uso da língua. «Elas não são para nós o equivalente erudito das atividades de gramática-ortografia-vocabulário. Trata-se de atividades de formulação/reformulação, de explicação, de comentário, de designação, de definição, de relacionamento... que dizem respeito à língua e aos discursos» (DUCANCEL & FINET, 1994:94). O que as caracteriza é o fato de tratarem a linguagem como objeto: «há atividade metalingüística quando condutas – isto é, comportamentos finalizados – verbais ou não verbais, têm por objeto a linguagem, sua utilização, suas formas» (id. p. 98).

Uma formação integrada da LM e da LE no sistema escolar, é uma formação que articula

conteúdos, programas, metodologias... e que é realizada - na medida do possível - por um só professor, a fim de assegurar « um quadro comum de referência concernente à linguagem, de remissões constantes, tanto nos *currículos* quanto nas lições, de uma a outra língua e levar mais facilmente o aluno a apreender os pontos comuns e as diferenças de formas e de usos » (ROULET, 1995 :119).

Podemos agora então refletir sobre o interesse em se **privilegiar uma abordagem pragmática das atividades (meta)lingüísticas no âmbito de um ensino/aprendizagem mais integrado da LM e da LE**.

Parece claro hoje que, numa abordagem pragmática, os objetivos de ensino/ aprendizagem devem ser fixados numa metalinguagem acessível ao aluno uma vez que, agrupando as formas em categorias semântico-pragmáticas, aproximamo-nos de sua experiência comunicativa e favorecemos assim a utilização do que já foi adquirido em situação real.

Parece claro também que a aprendizagem de uma língua não é independente da aprendizagem anterior ou simultânea de uma outra língua. Para RIVENC (1982:181), «toda aquisição de uma competência em LE está mais ou menos assentada numa transposição dos modelos de aquisição da LM». TREVISE (1993:41) diz mais ou menos a mesma coisa quando afirma que «os alunos não são uma tábula rasa»; que eles «já possuem a linguagem, têm experiência do que é a atividade de linguagem com tudo o que isso implica de conhecimento de um sistema lingüístico de representação do mundo e da comunicação»; que «a apreensão do segundo sistema lingüístico se fará com a ajuda de processos cognitivos que trarão o desconhecido ao conhecido, tanto pelo filtro prévio da língua 1, quanto pelos conhecimentos pragmáticos, discursivos e semânticos já construídos».

As reflexões sobre a linguagem efetuadas na língua materna deveriam pois constituir, um trampolim para o acesso às línguas estrangeiras. Estas, por sua vez, poderiam vir a esclarecer mecanismos difíceis de serem apreendidos na língua materna tornando assim as atividades de metalinguagem um lugar privilegiado de encontro entre a L1 e a L2 (cf. DE PIETRO, 1995:210).

No Brasil há um grupo de professores-pesquisadores, do qual faço parte, que vêm refletindo há alguns anos sobre essa aproximação da L1 e da L2 no sistema escolar no âmbito do *Projeto Bivalência – Didática Integrada do Português e do Francês no Sistema Escolar*⁴. Nossa hipótese é que um ensino/

³ Isto é, ligada à *Pragmática lingüística*, disciplina que “aborda a linguagem como fenômeno ao mesmo tempo discursivo, comunicativo e social” (JACQUES, 1979). Os contornos dessa ciência da linguagem estão ainda mal definidos: é uma espécie de *nebulosa* que comporta todos os trabalhos que, de uma maneira ou de outra, visam a integrar o comportamento lingüístico numa teoria da ação.

⁴ Trata-se de um projeto de pesquisa e de ação presente em dez estados brasileiros e apoiado pela Embaixada da França (BCLE de Salvador-BA). Seu princípio diretor é o de experimentar a possibilidade de uma abordagem integrada do ensino/aprendizagem do Português língua materna (PLM) e do Francês língua estrangeira (FLE) no sistema escolar visando os seguintes objetivos: “- melhorar a qualidade do ensino/aprendizagem do PLM e do FLE (...) possibilitando aos professores uma outra perspectiva educativa, diferente da de simples intermediário entre métodos e alunos; - mo-

aprendizagem *bivalente* favorece o contato não apenas das línguas e das representações que delas se pode ter, como também dos procedimentos didático-metodológicos. O desenvolvimento desse ensino/aprendizagem pode: a) contribuir para liberar a LM do jugo da gramática tradicional; b) favorecer, na LM, uma focalização maior nos *savoir-faire* através, por exemplo, da introdução de práticas metodológicas correntes em LE (simulações globais, *jeux de rôles*, etc.); c) levar os alunos a uma conscientização metalingüística através de aproximações sistemáticas – em todos os níveis – entre as duas línguas suscetível de ajudá-los a compreender melhor o funcionamento de linguagem⁵.

Como não é possível aqui detalhar as diferentes etapas de nosso trabalho, contentar-nos-emos em apresentar as linhas gerais de uma articulação possível entre abordagem pragmática e reflexão sobre a língua/linguagem no âmbito de um ensino/aprendizagem mais integrado da LM e da LE.

Em primeiro lugar, parece-nos indispensável propor atividades que façam sentido para os alunos, que os coloquem diante de situações cujas finalidades sociais e comunicativas possam ser percebidas e dominadas por eles. A partir das necessidades e motivações deles, o professor pode prever e/ou suscitar atividades que ultrapassem o âmbito escolar. Eles serão então levados a procurar as formas que lhes pareçam mais apropriadas para expressar suas intenções comunicativas. Desse modo, o trabalho com as *formas* nunca está dissociado dos problemas comunicativos que elas permitem resolver. (Cf. BROSSARD, 1995:34).

Há também de se ter uma atitude funcional a respeito da metalinguagem e não confundir “a etiqueta com a bagagem de conhecimentos e de *savoir faire* que ela designa” (VANDERDORPE, 1995:214). A metalinguagem não é um fim: os textos, as tarefas de sala de aula visam a levar os alunos a interagir através da língua. Os programas, os objetivos, os conteúdos, sua repartição, não são estabelecidos em função da gramática mas em função de atividades de linguagem a serem realizadas. A realização dessas atividades não é independente nem das regras do código, nem, muito menos, das regras de funcionamento social da língua. Pelo contrário, deve-se procurar fazer com que essas atividades façam sentido para o aluno, que apareçam como resposta a dificuldades, a problemas de (meta)linguagem⁶. Daí a necessidade de inscrevê-las «como componentes das atividades discursivas; [de]

levar os alunos a se conscientizarem de que a dinâmica da produção inclui uso e objetivação de unidades que exercem uma função na textualização; [de] ancorar os estudos, as análises dessas unidades e de seus funcionamentos, nas atividades metalingüísticas em situação e, ao mesmo tempo, distinguir explicitamente uma da outra» (DUCANCEL; FINET, 1994:115).

É preciso enfim que as atividades de (meta)linguagem estejam realmente ligadas aos objetivos que, por sua vez, devem ser função das motivações, necessidades e nível de maturidade cognitiva dos alunos. Estes objetivos não são exatamente os mesmos em LM e em LE, mas é indispensável que estejam atrelados harmonicamente aos mesmos pressupostos teóricos (aqui, pragmáticos, interacionais).

Estamos no momento tentando elaborar – juntamente com um grupo de professores do Colégio de Aplicação da UFPA – objetivos de ensino/aprendizagem e programas que privilegiem um enfoque pragmático tanto da LE quanto da LM para serem experimentados no próximo ano letivo em pelo menos duas turmas-piloto. Nessa experiência, procuraremos aproximar sistematicamente o ensino/aprendizagem do PLM e do FLE unificando os pressupostos teóricos, explorando as transversalidades lingüísticas e didático-metodológicas entre essas disciplinas e dando à reflexão metalingüística toda a importância que lhe é devida como um instrumento importante de ensino/aprendizagem, não sua finalidade.

References Bibliographiques

- BROSSARD, M. (1994). Quelques réflexions sur: activités métalinguistiques et situations scolaires. *Rev. Repères-9*. Paris, INRP.
- COSTE, D. (1985). Métalangues, activités métalinguistiques et enseignement/ apprentissage d'une langue étrangère. *Rev. DRLAV -32*. Paris, Univ. de Paris VIII.
- CUNHA, J.C. (1997). Statut de la métalangue et enseignement/apprentissage intégré des langues I et II dans le système scolaire. *Rev. LINX-36*. Nanterre, Univ. de Paris X.
- DELAMOTTE-LEGRAND (1994). Métacommuniquer pour réécrire. *Rev. Repères-9*. Paris, INRP.
- DE PIETRO, (1995). Métalangage et apprentissage de la langue, in BOUCHARD, R.; MEYER, J.-C. (org.). *Les métalangages de la classe de*

dificar os programas de formação inicial dos professores das duas línguas; - analisar os processos de aquisição/aprendizagem dos conhecimentos a fim de instaurar, com as equipes de professores, um ensino integrado PLM/FLE adaptado às necessidades, às condições e aos interesses da rede escolar pública; - divulgar as pesquisas feitas no Brasil e na França nessas áreas.” (Documento, não publicado, do Grupo Bivalência, 1996:1)

⁵ Um exemplo: a construção de conceitos-chaves como *quantidade*, *tempo*, *localização*, que se forjam efetivamente em grande parte na escola primária, seria certamente mais eficaz, tanto do ponto de vista cognitivo quanto do ponto de vista lingüístico, se feita conjuntamente nas duas línguas (Cf. SOUTIF-HENRIET et COSTECH, 1996:143-149).

⁶ A reflexão não está mais centralizada na língua, mas na utilização da linguagem por indivíduos, seres que interagem, que trocam informações, se protegem, se preocupam com o interlocutor, tentam seduzí-lo...